



O Gaiato



Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano V - N.º 118 Preço 1\$00

Redacção, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato PAÇO DE SOUSA Director e Editor: — Padre Américo 4 de Setembro de 1948 Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto Vales do Correio para CETE

DEDICAÇÃO

Tem a Obra da Rua recebido óbulos da mais variada generosidade e dedicação, numa esfuizante homenagem de amor cristão. Todos os portugueses de boa vontade — e até mesmo os estrangeiros, sem distinção de castas ou profissões, têm firmado a sua presença nesta cruzada de regeneração dos «legionários da penúria e da miséria».

Toda a qualidade de dádivas, as mais variadas, tem entrado no activo das receitas desta Obra totalmente mendicante. São as cifras fabulosas de doadores anónimos, que escondem a mão esquerda para que a direita possa dar mais desinteressadamente, sem o gesto preconcebido de se empavonarem com um agradecimento que os coloque num pedestal de beneméritos da humanidade; são as migalhas miudinhas e quentes dos que mal podem ceder — parcelas de amor a sangrar e a pesar grandemente na balança do bem; são excursões de massas populares e operárias que veem medrar a sua desprezível generosidade no seio desta bendita pobreza e que gritam bem alto a louca caridade do Evangelho, num anseio angustiante de unir todos na mais humana e completa fraternidade; são os desejos destes pelos progressos da Obra; são as inquietações daqueles pelos sucessores que não-de levar mais além a santa cruz deste abnegado sacrifício; são as heranças que, embora não sejam aceites porque «aquí não há cadáveres nem enterros», justificam, contudo, algum interesse póstumo pelo bom caminho que não-de tomar; são ainda as ofertas condicionais, dependentes deste ou daquele sucesso... Tudo dádivas de amor em sangue! São estes os verdadeiros pelicanos da Obra da Rua.

Todos têm, assim, sentido a satisfação íntima de dar, numa franca atitude de melhorar a situação dos desfavorecidos, participando dela em dádivas de sangue amoroso e caritativo.

Se dar para a Obra da Rua é «procurar um lugar ao sol, é fazer bem a si mesmo», todos quanto têm dado, sentirão dentro do seu peito o calor vivificante deste sol ardente de caridade.

Têm sido das mais variadas as ofertas. Todavia, nenhuma tinha ainda incarnado a feição desta que passa agora a narrar-se e que foi a fonte inspiradora deste artigo.

Formou-se, este ano, em Coimbra, um estudante amável da Obra da Rua. Leitor assíduo do «Pão dos Pobres» e de «O Gaiato», sente dentro de si toda a vida edificante das Casas do Gaiato. Faz conferências e escreve artigos tão profundos sobre a Obra da Rua que dificilmente se lhe pode tirar o título de filho da causa que o obriga a viver todas as actividades dos gaiatos.

Como se dedicou êle ainda mais à Obra? Assim como Jesus de Nazaré foi carpinteiro antes do seu fecundo e inovador apostolado, assim também este jovem Doutor exerceu esta humilde profissão antes da sua licenciatura e do seu professorado.

Num dos seus artigos, ele fala assim: «Amor é o sangue que entra, qualquer que seja a forma em que se corporize: uma esmola, um sorriso, uma lágrima, um olhar, uma oração, um pedido, um gesto... porque tudo isto entra no activo da Obra da Rua». Pois o carpinteiro-doutor corporizou o seu amor e a sua dedicação à Obra vestindo um fato-macaco e trabalhando, gratuitamente, para ela durante oito dias, com o mesmo horário de trabalho dos seus colegas profissionais.



Outra vez, um encanto nos recantos! Se não fôsse o ter desejos da minha hora, havia de ter pena de passar morto, por estas avenidas abaixo.

Exigiu tratamento igual perante a admiração dos outros operários e prontificou-se a satisfazer o mínimo pedido, a mínima necessidade, num plano de vida estritamente semelhante à dos seus camaradas.

A despedida, não levava mais nada do que trouxe, senão a clarividente alegria estampada no rosto de quem sente o aumento espiritual da sua vida interior.

Loucura? Será, sim, mas loucura construtiva do Evangelho.

Daqui, duas lições. A primeira definida por Alexis Carrel.

O melhor descanso para o trabalho intelectual é o trabalho manual e, vice-versa, o repouso do trabalho manual é o trabalho cerebral. Repousa-se e descansa-se mudando de ocupação, com aproveitamento de todas as faculdades físicas e anímicas da pessoa.

Nada mais devastador da integridade da vida humana do que o tempo perdido no ócio, numa aberração estúpida de architectar mundos imaginários, tão ocios e efémeros como os «miolos» de quem os idealiza.

A segunda lição. Anda para aí muita gente inchada de títulos, de ciência e sabedoria, de situações e posições, que acha vexatório e degradante descer ao meio das classes desprotegidas e levallhes o óbulo, senão material, pelo menos de consolo espiritual.

A desigualdade social, necessária porque sempre a houve, não exclue a aproximação, o contacto de uns seres com outros.

O Mestre Supremo, o Homem-Deus, andou com samaritanos, com publicanos, com adúlteros, comeu e dormiu em casa deles. Mas, com essas companhias, perdoou a muitos pecadores, suavizou muitas angústias, elevou muitos corações de sordidos pensamentos à contemplação das coisas belas que inebriam os sentidos numa ascensão perene de tranquilidade e bem-estar; numa palavra, espalhou a boa nova, o amor fraternal — amor que todos devemos uns aos outros, sem distinção de castas.

Quão harmónico e delicioso não seria esta vale de lágrimas, de ódios e sofrimentos, se todos se aproximassem uns dos outros, numa perfeita e íntima colaboração de auxílio mútuo! O mundo seria menos fratricida, porque o irmão mais baixo sentia o amor do irmão mais alto e este, por sua vez, sentia naquele a encarnação do seu próprio eu, na figura inconfundível do mais perfeito Pelicano — Jesus.

H. F.

PREVENÇÃO

Já aqui falamos e tornamos a falar. E' o José Ferreira ou o Zé de Santarém. Continua a fazer-se passar por angariador de assinantes de O Gaiato, de meu mando. Em Espinho, segundo o que me disseram os nossos vendedores, fez ali larga colheita. Só um Engenheiro andou com 200\$00, disse-me o Mondim. E houve mais e mais e mais engenheiros, se bem que um nadinha menos comidos.

Agora, chega a noticia da presença do rapaz em São Martinho do Porto. Ali, fez-se passar pelo Piriquito. Dizia a todos que era o barbeiro. O Piriquito da Casa do Gaiato. Felizmente, que a fotografia do autêntico, tinha saído pouco antes em o famoso, d'ái a descoberta da comedela. Quando para cá telefonaram d'aquela praia de banhos, já tinham dado por ela.

Seja como fôr, o intrujão continua a fazer das suas. Pena é que a Policia não faça também das suas.

Eu cá já pedi e não posso fazer mais nada.

Consta que nas Caldas, também foi grande a colheita. O rapaz é esperto. Sabe escolher os lugares e as pessoas.

Em listas de assinantes que nos chegam às mãos, tem vindo nomes supremos. Até Comandantes da Policia de Segurança! Ele mete-se na bôca dos lobos, sem medo de lá ficar! Nunca se viu tal!!



Cada recanto — é um encanto na nossa aldeia. Estes são os degraus que menos custam a subir e mais custam a descer. O quê? Sim. Dão para o refeitório...

Notícias do Lar de Coimbra

Andamos cá a fazer um jardim. E' mestre dêle o Armando e os pequenitos seus ajudantes. Está quasi pronto, já tem relva e algumas flores. E' ao gosto dêle. Vamos enfim ter muitas flores para pôrmos nas jarras e para enfeitar a casa.

Uns senhores de Lourenço Marques, mandaram para cá uns fatos para nós. Apesar de ser tão longe a distância não se pouparam a trabalhos e nós como julgamos que êles são assinantes temos a alegria de dizer que já estão a servir.

De Coimbra veio cá um senhor trazer dois enormes bôlos. Nós não sabemos o nome dêle. O dito senhor ofereceu-nos por ter bons resultados no exame. Nós estamos muito agradecidos porque dêles têm se feito boas merendas.

Está cá um rapaz que veio por intermédio dum senhor que é um az da nossa aviação. Veio cá um dia destes visitá-lo e trouxe muitas roupas entre elas um sobretudo e um cobertor. Vinha acompanhado de uma senhora. Este rapaz é do Entroncamento.

Uma senhora mandou-nos a casa dela para irmos buscar livros. Trouxemos muitos livros e muitas revistas que nós muito agradecemos.

A venda do Famoso. Foram quatro gaiatos vender o famoso à Figueira. Mal tinha o relógio despertado já os camponentes da caravana estavam a pé, prontos para tomarem o café. A's seis horas já êles estavam no monstro, prontos, e equipados com os jornais para seguirem, até ao seu destino; o Armando vendeu um gaiato por cem paus, e os outros trouxeram assinaturas e muitos crêscimos. Em Coimbra também se vendeu um gaiato pela mesma quantia, e também se venderam muitos gaiatos.

A todos que colaboraram na Obra desejamos as nossas maiores felicitações.

C. A.

Cebolas... e mais cebolas!

Este ano foi um ano de cebolas. Nós cá tivemos a passar de quatro toneladas delas, na conta do Sejaquim. Êle não costuma enganar-se; e mais é cego! Pois tivemos sim senhor, mas mandamos por mais uma tonelada à feira de S. Bartolomeu a Penafiel. Foram os bois de luxo, foi o jugo das festas, muito alto, tudo obra de talha.

O Pernas ia à sogá e o Sérgio a tocar. Este levava na algibeira uma nota de quinhentos escudos pró que desse e viesse. Deu pra bem. Os negociantes quiseram no comer, mas êle foi mais esperto; trouxe os mil quilos de cebolas no carro e cento e quarenta escudos na algibeira.

Viva o Sérgio!

Chegou da feira à tardinha. Pernas, bois e êle, tudo derreado da caminhada. O carro de cebolas foi atacado por uma malta de rapazes, que as colocaram na despensa da cozinha para assim ficarem à mão dos cozinheiros. Agora são cebolas. Tudo é cebola. Ele cruas com tomates. Ele no caldo. Ele ensopadas. Cebolas e mais cebolas.

Foi, até, por ter observado a predilecção por elas, que o Sérgio teve de ir à feira. E' que isto cá por casa não ia nada bem. Os meninos do campo costumavam levar da horta suas cebolas e seus tomates e uma vez no refeitório, faziam salada para eles e seus compadres. Era o grupinho. A panelinha. A desordem. Agora não. Cebolas prá frente e pra todos, enquanto durar a tonelada delas; e isto tudo por trezentos e sessenta mil reis. Desta forma, resolve-se aqui em

Outra vez o "Sapo"

Eu ando muito desanimado. Ando mesmo triste. E' que tenho de tomar uma atitude muito decisiva quanto ao Sapo e aos senhores visitantes, cuja atitude é nada menos nada mais esta: Ou fica o Sapo na aldeia e os visitantes nunca mais cá voltam, ou estes voltam quando quiserem e o Sapo regressa à Murtosa. Eis o dilema.

Eu vou explicar a causa de tão extrema resolução: Chegava eu ontem de fora, quando o Sapo vem ter comigo a acusar. Acusar os mais cicerones. Quem diz ontem diz sempre. A acusação de ontem incidiu toda sobre o António de Arouca: *Ele não sabe nada. Ele não tem carta. Ele vai mostrar as minhas capoeiras e aldraba tudo mas é. Ele é um grande aldrabão.* O Sapo espumava! Mas há mais. Ele engadilha. Tem acontecido engadilhar com outros cicerones na presença dos visitantes o que, sem dúvida, acarreta um mau nome à nossa casa. Por isso, meus senhores, eu vou ver se posso amainar estas fúrias ó Sapo, e se vir que o não posso fazer, terei novamente de expôr o caso.

UMA CARTA

Li ontem no «Gaiato» o que diz sobre a roupiça que levei ao «Príncipe», e escrevo para lhe pedir o favor de lha vestir até ela se romper prometendo que a próxima será então à vontade do Pai Américo.

Se a fiz assim foi olhando ao pouco tamanho dêle, e além disso foi aproveitado de outras peças já usadas por mim.

Lembro-me perfeitamente das palavras do Pai Américo, dizendo-me que havia de descobrir a minha morada, para mo pôr à porta, para eu tomar conta dêle.

Que diria sabendo que não sou católica e que sou contra a maioria dos padres? Talvez não me julgasse da mesma maneira.

Madrinha adoptiva

Não sei se os leitores se recordam de uma nossa local no derradeiro numero, duma senhora que costuma vir a nossa Casa trazer coisas ó Príncipe, e se diz, hoje, madrinha adoptiva dêle.

Não sei se se recordam.

Pois eu ralhei.

E fiz mais. Não publiquei, sim, mas disse-lho aqui cara a cara, assanhado, na maré em que ela vestia o petiz: «Eu hei-de indagar da sua morada e deixar o pequeno à porta».

Nem eu diria isto em público, se não fôsse ela a primeira a dizê-lo, de rude que me pareceu esta minha atitude. Não a tomou ela como tal e tudo me desculpou.

Esta madrinha adoptiva, é uma senhora inteligente e humilde; compreende e aceita o meu ponto de vista.—*Foi olhando ao pouco tamanho dêle e aproveitando de outras peças já usadas por mim.*

Accepta. Concorde. Quer fazer. Ora isto é equilibrio moral. E' humildade interior.

Não é católica, como afirma na sua carta, mas manda-nos dentro dela uma lista de assinantes certos, os quais se presume que também o não sejam. Diz mais a carta. E' contra a maioria dos padres, podendo nós concluir que êstes novos assinantes que por ela nos chegam, sejam da mesma opinião. Ora sendo assim as coisas, que vamos nós fazer. Padres, para que sejam amanhã por nós, êstes que hoje são contra nós? Há só um caminho, estreito e difícil, mas é o único e certo:

Pelas armas da renúncia, da boa fama e da má fama, da justiça e da verdade, para a esquerda e para a direita, demos combate leal aos que são contra nós, que o mesmo é dizer que amanhã todos êstes serão das nossas fileiras.

casas o problema social; não há grupos, há irmãos. Resolve-se o problema da saúde: os senhores doutores são unânimes na virtude das cebolas. E reduz-se ao mínimo o trabalho dos cozinheiros: E', até, o ajudante que faz o caldo: uma cestada de cebolas partidas, meio litro de azeite, um almuê de água, uma mão cheia de sal, uma fogueira muito grande e já está...

Eis aqui outra notícia do falso Piriquito

Acabo de receber o jornal «O GAIATO», n.º 117 de 21 de Agosto corrente, e com referência à notícia, do Piriquito no Estoril, venho informar, que no dia 18 de Julho passado, esteve aqui um rapaz que disse ser o Piriquito, e deu o nome de Manuel Ferreira, disse sofrer muito do estomago, e que vinha para ser internado no hospital, e dormia na casa dos Bombeiros Voluntários de Cascais.

Este rapaz, que se acercou de minha filha, no cinema do Estoril Praia, pedindo para assinar o Jornal, e disse ser o Piriquito. Como já era assinante, mas tratando-se duma grande obra, imediatamente no próprio cinema, fez com que as pessoas das nossas relações, assinassem o Jornal, e mandou vir o referido rapaz no dia seguinte a nossa casa para almoçar.

Depois do almoço, mandei um automóvel com ele, a todas as casas que me foi possível. No Monte Estoril Hotel, o Sr. Director chamou todo o pessoal do Hotel, para assinar o Jornal, enfim conseguiu um bom número de assinaturas, roupas, e cerca de setecentos escudos.

Nessa mesma tarde, disse ter de seguir para o Tojal, para fazer a entrega do dinheiro e das roupas, visto no dia seguinte ter de dar entrada no Hospital, para ser operado.

Passados 2 dias, telefonou dizendo que já tinha dado entrada no Hospital, e que o Pai Américo, mandava agradecer muito tudo que tínhamos feito, e que logo que estivesse bom, voltaria novamente, para angariar mais assinaturas.

Muito gostaria que me informasse, se é ou não, o verdadeiro Piriquito.

Ora vamos a vêr se, com tudo quanto se tem dito nos outros números do famoso e agora neste; vamos a vêr, sim, se enxotamos de uma vez para sempre este pantomineiro, do meio dos nossos leitores.

E se assim não acontecer, é que os senhores leitores, ou não botam sentido ao que leem, ou então, gostam de ser enganados. Eu cá é que não torno mais a falar.

Não torno, mas gostaria que a Policia falasse. Vamos que ande aqui uma exploraçãozinha; alguém por detraz?! Estes 700\$00 de que nos fala, Senhor Celso Alvarez Perez, da Garage Alvarez, no Monte Estoril. Outras quantias de que temos tido conhecimento e outras e outras, de outras terras.

Quem nos diz que não será isto o desabrochar de futuras e grandes burlas?!

Sim. Quizera que a Policia falasse. Nós damos todas as informações.

Lêde e propagai "O GAIATO"



Batatas! Colheita de batatas. E' nos campos, é no prato:—«oh minha senhora, faça batatas!» E os cozinheiros fazem batatas de mando da Senhora. Assim como quem brinca, êles arrancaram e transportaram e escolheram a passar de vinte toneladas; e hão-de comê-las todas.

Do que nós necessitamos

Mais uma bicicleta. Vem de Braga. Foi um senhor que a deu a um dos nossos rapazes num domingo em que ali foram vender. Quanto devemos os senhores de Braga! Esta bicicleta, é a rainha. Espelha por todos os lados. Tem lanterna. Tem caixa de ferramenta. Tem bomba. É um amor de bicicleta. Os rapazes são unânimes em dizer que jámais cá entrou coisa assim. Encontra-se arrecadada em sitio que ninguém sabe e destina-se a recados altos e de muita circunstância.

A secção mais nervosa da vida da nossa aldeia, é feita da presença das bicicletas. Ninguém faz ideia do que por cá se passa nos dias em que chega mais uma; tão pouco se pode descrever o estado de ânimo dos rapazes, causado por um tal acontecimento. Com tudo isso, a gente perdoa o mal que nos faz pelo bem que nos sabe, e pede mais uma bicicleta. Na verdade, a nossa garagem está desfalcada, por quanto tivemos de mandar uma das que cá tínhamos, para o Porto, em troca da que de lá veio. É que os rapazes do Lar, como ela tivesse sido dada em Braga a um deles, reclamam-na a pés juntos. Não ficou aquela, mas teve de ir outra de cá. Também tivemos de entregar uma outra à redacção do jornal, para assim nos vermos livres dos redactores. De sorte que estando uma no Porto, ao serviço dos de lá. Estando outra escondida debaixo de sete chaves, segue-se que temos duas bicicletas para o uso de trezentas e vinte pernas. Eis a razão do meu pedir.

Mais a *do feixe da lenha* que veio cá oferecer-me um cabrito de uma cabra que tem em casa, sua companheira nos montes sempre que vai à lenha. *Tenho lá um cabritinho*. Assim começou ela a oração. É um caso de entre dez. Esta proporção, tem raízes no Evangelho: De dez leprosos curados, só um procura o Mestre para lhe agradecer. Que ninguém se enfastie, pois, com a chamada ingratidão dos que precisam de nós, não caia a gente no perigo de tomar disso falsa razão de os não socorrer... A generosidade desta mulher, *tenho lá um cabritinho*, deve-se tomar como dirigida às pessoas que se tem prendido nas malhas desta coluna de amor, enviando coisas para ela.

Eu sou um recoveiro e nada mais. Por isso mesmo, em vosso nome, dei-lhe o cabrito que ela me queria dar.

A *do feixe da lenha* trazia um neto pela mão que é também o seu guia, por amor dos anos e das doenças. *Más passagens* como ela de uma vez me disse, e é verdade. Pois trazia um neto pela mão, sim, e este neto é filho do pecado. Não tem pai... Em uma lauda de tão bela poesia como esta que se fez até aqui, eu sei que diz mal e é muito triste este denegrido pormenor: filho do pecado! Mas nós temos de pôr as coisas como elas são. Dar notícias do homem inteiro. De um composto misterioso de matéria e de espírito, sai fama e luz.

Nós somos lama e luz. O homem não te gabes. Não te tenhas por sublime. Mais eu que entrei numa loja do Porto a comprar semente de nabo, aonde fui muito bem servido, e quando ia a puxar pela carteira, o patrão mandou dizer que não era nada. Melhor. Precisamente na altura da *transacção*, um senhor que na maré passava na rua, entra na mesma loja e sem dizer quem era, na presença de todos, enfia na minha mão uma carapuçada de notas.

Melhor ainda. Desta sorte, todos quantos viram, ficam a saber que os valores mais altos são os que se não manifestam. O senhor da loja, o itinerante, — Desconhecidos!

Foi o Sérgio que me mandou à semente de nabo e eu fui por ela. *Litro e meio*, disse ele, e eu comprei litro e meio. Duas qualidades de semente, por indicação do senhor da loja. Ele sabia aonde se destinava a semente, por isso tudo quiz fazer pelo melhor. Eu não sei quem ele é!

Fartura. Uma geira extensa. Nabijas, nabos e grelos de uma tão minúscula semente. A eterna multiplicação; a abundância misteriosa da Providência, patente no livro da natureza. E tu não queres agradecer! Pior. Tu não queres compreender!! Contentas-te em dar maiúscula à palavra natureza, e finges ignorar que Deus é Pai. Revelação da nossa era. Dantes, era o Deus do Sinai, Forte e Terrível. Hoje, o Pai Celeste, que dá de comer às aves e veste as flores. Ora *vós sois mais do que passarinhos*. E tu ateimas. Foges. Tens medo das coisas simples e *pequenas*, por isso te perdes nas grandes. Esperas nas *grandes*! Mais, de algures, um *junto uma gota de água no oceano das despesas da Obra*. Sim diz bem. Se por oceano se entende um círculo,

imenso de vidas a transbordar, a Obra da Rua é um oceano. Ela, a Obra, é que dá! Estas gotas que chegam de fora, são gotas que primeiro saíram dela! Oceano vivo, a transbordar. Deixai-me pôr cá fora e publicar estes nadas, porquanto é disto mesmo que nós necessitamos.

Mais mil escudos deixados no Depósito, produto de uma quete silenciosa, feita entre professores e alunos de um liceu do Porto, a favor dos que precisam.

Assim está certo. Assim gosto. Festas de beneficência, não. Os jornais deram a notícia de uma, a marcar o início da temporada em uma das nossas praias, aonde se reuniu, segundo os mesmos jornais, o que de melhor tem a sociedade. Era manhã fora, e ainda ali se divertiam a bem dos que precisam. Que a *do feixe da lenha* jamais venha a saber de tais divertimentos...!

Mais retrado do mesmo Depósito, envelopes, envelopes, e mais envelopes. Não é vida que se desfaz em parcelas. Não é. A decomposição é morte. São mas é parcelas de vida vivida.

Quem ergue por si mesmo ou ajuda outros a erguer os prostrados, vive. Assim o disse o Mestre na lição do samaritano. Todo aquele que por momentos deixa os seus afazeres, se desvia do caminho cotidiano, e premeditadamente entra no Depósito para deixar ali ficar o remédio que vai curar feridas dos irmãos caídos, esse ou essa *vivem*. Ninguém tenha dúvidas e esse respeito.

O mundo há-de passar; as verdades eternas ficam.

Mais uma caneta. Não diz para quem, mas digo eu. É para mim. Não tinha nada com que escrever. Estava mesmo no fio e sem coragem para obter uma. Chegou esta! Quem teria sido? Veio por encomenda postal.

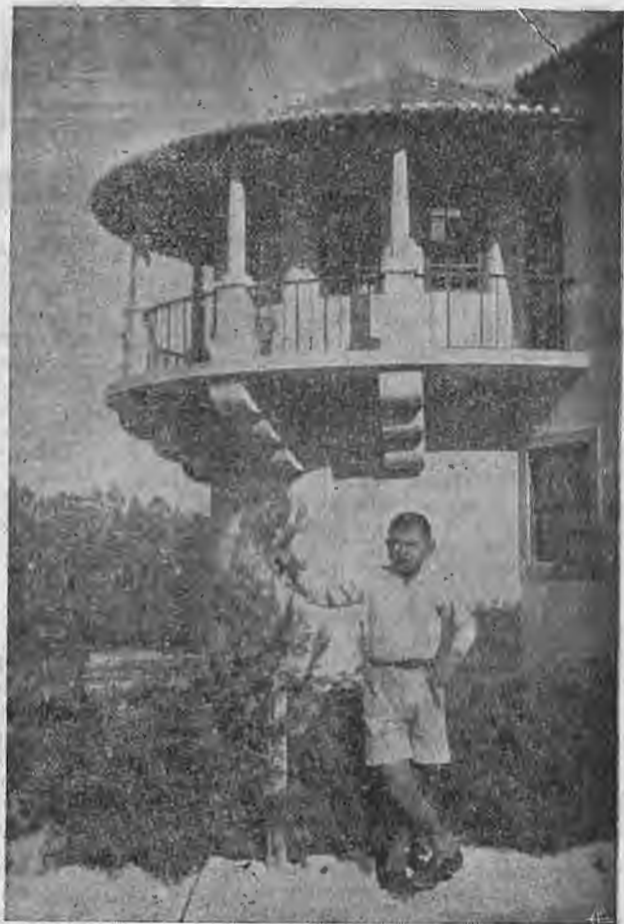
E mais nada.

***** A venda do jornal

Tenho aqui diante de mim a folha de venda do último número, preparada pelo Júlio do Porto. É um trabalho primoroso que faz cobiça. O Júlio fez este ano, com muito boas provas, o seu quarto ano comercial, e esta folha assim o diz: asseio, clareza, precisão. Os nomes, os algarismos, as colunas, tudo. Viva o Júlio! Ora a folha diz-nos que se venderam vinte e três centos de jornais com setecentos escudos de acréscimos. Que dez antigos assinantes confiaram aos rapazes o dinheiro das suas assinaturas. Que oito deles, novos assinantes, fizeram encomendas dos seus jornais, pagando uns, e outros não. Isto quer dizer que há muito interesse e muita comunicação entre vendedores e compradores. O Amadeu de Elvas e o Fernando de Coimbra, estiveram na Póvoa. O Marques da Guarda e o Prata da Covilhã, estiveram em Espinho. O Carlos do Porto e o José de Mondim, estiveram em Braga. Tantos despacharam quantos levaram. Eles chegam a nossa casa como as abelhas laboriosas ao cortiço; cheios do que comeram, cheios do que ouviram, cheios de presentes que lhes dão. Sempre e por toda a parte boas notícias. As terras aqui inumeradas, Porto à frente, estão todas no mapa. No mapa de Portugal; e também estão todas no coração dos nossos vendedores.

Disputa-se o jornal. Disputa-se o rapaz que há-de ir comer a esta ou aquela casa. Exige-se a promessa de que na próxima quinzena, irá a uma outra casa. É o alvoroço. É o entusiasmo, tão quente hoje como no primeiro dia em que o Gaiato viu a luz. Simplesmente espantoso!

Lisboa não. Não sou eu que me queixo. A mim ninguém deve nada. Mas queixam-se os vendedores que ali vão da Casa do Tojal, e a esses todos devem muito. Eles querem-se aproximar. Querem erguer-se. Querem amar. Lisboa não quer que eles se aproximem, nem quer que eles se ergam, nem quer que eles amem! Assim o dizem por palavras suas, nas crónicas deste jornal os cronistas da Casa do Gaiato de Lisboa. *É para que os senhores vejam como a gente sofre*: Assim se exprimia o João Pedro, em o derradeiro número, ao contar os seus trabalhos na venda do jornal. Eles tentam, mas não vendem nada. De trezentos números que para ali se expedem, mais de metade são comprados e lidos nos arredores de Lisboa. A grande massa dos Lisboaetas não está em casa, e se está, não abre as portas ao pequeno vendedor que lá vai bater. Talvez este ou outro semelhante, amanhã, lhas arrombe...! E a massa dos Lisboaetas não quer meditar nestas coi-



O João Maria da Murtosa. Alguém d'aquela vila, mandou 50\$ para que a mãe do rapaz visse o retrato do filho. Ele aqui está. Foi o Carlos que o tirou e fez mais baratinho. Espera-se que o jornal vá ter às mãos da desejosa. Ali aonde o veem, muito quietinho, partiu ontem um vidro na janela da cozinha, com a gancha de um arco, de ruim! Veio do tribunal e comeu. Ele é o SAPO!

***** VISITANTES

Eu quero muito aos visitantes da nossa aldeia, e tanto assim, que venho aqui preveni-los dos perigos que cá temos. São os cicerones. Há outros, mas os principais são o *Sapo*, o *General*, o *Bucha* mai-lo *Presidente*. Ora este é que é o perigo.

Ele é um verdadeiro caça. Caça ó dinheiro; à nota. Assim por exemplo: Ontem foi dia de grande movimento de visitantes. O *Bucha* delirava com as notas grandes: *Acabei um conto!* E o rapaz não cabe em si de alegria quando traz notas assim na ponta dos cinco dedos: *olhe*. O Presidente entregou uma mais pequena e informa: *os senhores era para não dar*. Eu calei-me à espera das razões. Se era para não dar porque é que deram?! *Presidente*, de olhar penetrante, parece ler no íntimo das coisas e continua a falar: *eles mandaram-me embora, que fôsse eu atender a outro carro que tinha chegado, mas eu mandei o Sapo e fui com eles até à porta. Aqui está a nota*.

Ora eis. Este é o perigo. Não vamos dizer que seja ratoeira de fôgo, mas é uma ratoeira. Estes senhores que não caíram na aldeia, foram apanhados à porta dela: *fui com eles até à porta!* Cautela, meus senhores e minhas senhoras. Muita cautelinha. Quem avisa é amigo. Quem puder fugir do *Presidente* que fuja.

***** Visado pela Comissão de Censura

sas sérias, por lhes parecer que o são mais, as outras de que faz a vida. Dá pena!

O João Pedro chamou tenebrosa a uma prisão aonde o levaram: *era tudo vendedores de jornais*. E disse 'e disse do que por lá viu. Conta mais que um senhor lhe disse que se ele queria vender o jornal, havia de apresentar o cartão do Grémio, de modo que o rigor das leis, a vigilância das forças e o nenhum interesse do povo, não tiram Lisboa do mapa de Portugal. Não tiram, sim, mas coloca aquela cidade a uma distância inmensurável da cidade do Porto e das outras terras acima nomeadas, a ponto da gente quedar-se a cismar se também são portugueses os que assim tratam os nossos.

Estas que hoje dizemos e outras dificuldades que se não dizem, podem muito bem ser a causa de uma resolução muito triste, a tomar num futuro muito próximo...

Isto é a Casa do Gaiato

A TÉ à data, a nossa oficina de ferreiro, tem-se ocupado com o trabalho de aguçar as ferramentas dos pedreiros e pouco mais. Mas como as nossas obras estão a acabar, segue-se que o Mestre da oficina tem procurado trabalho fóra. O Fernando Martins, veio ontem trazer-me uma mão eheia de dinheiro. Notas e prata. Primicias. O rapaz nem deu fé de que lhe tinham dado uma moeda falsa de cinco escudos, tamanho o seu entusiasmo. Eu é que dei.

Desde aquela data, o trabalho tem aumentado. Foi-se ao Porto comprar tornos e bigornas e ferramenta e material. Eu cá já prometi ao mestre mais rapazes para a oficina se ele tiver habilidade de arranjar muito que fazer. Grades, portões, cancelas, aguçãs, fogões. Tudo isto estamos habilitados a executar. Há um senhor aqui em Paço de Sousa com raro tino social de dar trabalho, de onde tem vindo muita coisa para consertar e fazer de novo. Muito se deve àquele senhor, oxalá houvesse mais com aquele tino.

Muitos mais. Mesmo que seja de longe, mandem as suas encomendas e a gente despacha. É uma oficina de ferreiro.

UM visitante deixou-nos ficar um cartão e a notícia de que perdera um anel perto de um dos nossos tanques.

Ele indicava o sítio e pedia que lho mandassem no caso de aparecer. Apareceu. Foi o Sapo que o achou.

O Sapo é muito trigueiro, mas a verdade é que reluzia mais do que o ouro quando me disse, a estoirar de alegria: *achei-o ao pé do tanque*. O anel foi entregue ao Avelino com o pedido de guardar e avisar o seu dolo. Noutros tempos, com estes rapazes, as coisas achadas levavam outro caminho. Mais. As coisas eram procuradas. Agora não é assim. Porquê? Cama feita de lavado. Armário do pão às ordens. Um tribunal infantil sem código nem advogados, aonde a lei promana directamente da acção. Resumo: dar de comer, Dur de vestir. Fazer justiça. Eis como se ama. Eis como se ama. Eis como se ama. E é este amor que falta no mundo.

O Sapo é amado na nossa aldeia. Muito refilão, muito feio, não importa. O Sapo é amado. Agora mesmo o criado da mesa dos senhores me comunicou com visível tristeza: *morreu um peru ó Sapo*. Não lamentava a sorte do peru; tinha pena do Sapo. Ele ama o seu rebanho de aves. A perda foi totalmente dele. Este é o sentimento de toda a aldeia, expresso por um dos seus membros, naquela notícia infaustosa: *morreu um peru ó Sapo*.

MAIS Sapo. O Sapo enchia o nosso jornal se fôssemos a isso. Ora vamos a este caso para terminar. Era de manhã. Eu estava na capela e ouvia *vou-te acusar, vou-te acusar, vou-te acusar*. Aquela voz vinha crescendo à maneira que se aproximava. Agora é o ruído da porta da Sacristia: *Sapo abre e fecha com violência*. A seguir, *Sapo bota as mãos à porta interior que diz para a capela, escancára-a*. Eu senti o impeto. *Sapo* quedou. Eu estava ao altar. Escapei daquela.

O Cete acaba agora mesmo de chegar do Porto donde estivera ocupado com a venda do famoso. Entra pelo meu escritório dentro com os olhos muito contentes e exclama: *desta vez é que foi*. Sem mais querer ouvir, começa ele a explicar que descobriu uma casa com muitos senhores aonde vendeu pra cima de cem jornais. Que foi um senhor que lhe disse aonde era, mas que ele, Cete, não dá sinal nem diz a ninguém. Ao meu pedido instantâneo de que ao menos me dissesse a mim, Cete negou-se a fazê-lo com o argumento de que eu diria aos outros, eles metiam-se lá, e adeus freguesia dos cem. E pronto. Ninguém sabe aonde é a casa. Tenho pena. Não consigo ver nus nossas aldeias o espírito de camaradagem que seria para desejar. Não consigo. Outro exemplo. Outra vez o Cete. Apareceu-me ele com umas calças da mocidade Calças novas. Quiz saber a origem. *Foi o Piriquito que mas*

vendeu por trinta mil reis. Mando chamar Piriquito a quem manifestei o meu desgosto. *Ora essa; trinta mil reis das calças e mais sete mil e quinhentos de três cortes de cabelo à papo seco*.

— Era muito bem feito que ele não te pagasse, disse eu.

— Pois eu tiro-lhe as calças e não lhe corto mais o cabelo se ele não me pagar.

Ora vejam os senhores e as senhoras como é pobre o espírito de boa união que eu tanto desejo implantar nas nossas comunidades: *eu tiro-lhe as calças*.

ONTEM à noite, no fim da ceia, depois que todos saíram do refeitório, eu deixei-me ficar à mesa na companhia do Sejaquim e do professor Arlindo. Estávamos ocupados em deliciosa conversa, mas não foi muito longe a nossa delícia. Daí a pouco entra um grupo pela porta dentro a segurar uma vítima com um fio de sangue pela testa abaixo. As vozes crescem à maneira que o grupo se aproximava da nossa mesa: *foi o Piriquito. Foi o Piriquito que lhe rachou a cabeça*. Estou como diz o Xancaxé num grande discurso que fez na festa do Coliseu: *Ora vejam os senhores a má vida que a gente leva na Casa do Gaiato*.

OUTRA vez o Sapo e agora é que é para terminar. Eu estava a fazer o curativo na sala de pensos, quando o Sapo entra, senta-se no mócho, com a maior das irreverências coloca o pé direito sobre o joelho esquerdo e diz pró enfermeiro: *venha-me fazer curativo a este buraco*. Ainda bem que o nosso enfermeiro está afeito a ouvir estes nomes. Um médico ver-se-ia embaraçado.

Sapo, tão pronto numas coisas, é contudo, atrozado noutras. Ele não conhece o dinheiro!

Recebe dos visitantes e entrega sem saber quanto.

Os outros cicerones não; todos sabem dizer as quantidades. E temos um de rara filosofia. É o Barros. O Barros é um rapaz silencioso, dir-se-ia que traz o cérebro cheio de grandea problemas. Quem sabe... Pois Barros mostra a aldeia, diz somente o preciso e se lhe dão alguma coisa ele vem entregar.

— Que é isso rapaz?

— É um papel.

É um papel! O rapaziño silencioso, olhos cheios de mistério, pai entregue ao Governo, mãe desertora, sem berço e sem lume antes de ser nosso. O irmão mais velho de outros três que cá tem. *É um papel*.

E é verdade. É a verdade. Outro valor que tem a nota acima do valor do papel, é postigo.

VAMOS ouvir agora uma história de pasmal.

Toda a gente sabe que nós somos possuidores de uma máquina cinematográfica, que a Firma Alvarez de Lisboa nos quiz oferecer, aqui há um bom par de meses. Ora muito bem. Logo que o aparelho chegou, senhor P.º Fatela tomou conta e pedia programas ora ao Instituto Inglês, ora ao Instituto Francês e também à firma Alvarez, que além de uma coisa, oferece a outra; de tal sorte, que eram mui frequentes as sesões de cinema cá por casa. Mas acontece que Senhor Padre Fatela foi para férias, com demora, e nunca mais houve nada. Falava-se no caso. Avelino, o senhor doutor da redacção, vinha às vezes ter comigo, instado pela malta: *olhe que eu sei mexer naquilo*. Eu nunca lhe dei credito, nem consentimento de bulir em nada, e o aparelho estava arrumado na sala de música à espera de operador.

Um dia destes, ao abrir o correio, noto uma carta da Casa Alvarez, a comunicar que o programa estava a caminho (*conforme o vrsso pedido*), e esperava ele, o dito programa fosse do vosso agrado.

Hom'esta! Chamei Avelino. Sim senhor. Tinha escrito a pedir filmes. *Vi-me tão chateado que não tive outro remédio*.

— Mas tu não me pediste licença para escrever a carta!

— Pois não. V. já me disse e está convencido que eu não sei mexer naquilo, por isso não ma daria. E os rapazes não me largam a pedir cinema.

O pacote chegou. Cinco documentários de cultura e paisagens. Ontem foi domingo. Houve sessão de tarde para os Batatas e à noite, foram os pequenos, os médios e os grandes. Nem um faltou! Por falta de bancos suficientes, era nos peitoris das janelas, era em cima do velho piano, era empoleirados num escudote que na sala se encontrava e o resto da massa no chão, aninhados. Alguns levavam consigo a borða que não tiveram tempo de comer à mesa, e faziam no ali. O Sapo esteve toda a santa sessão com a cabeça de um carneiro que os cozinheiros lhe deram, a catar partículas de carne cozida e lambe-ber os ossos, todo besuntado!

O senhor operador não largou o seu posto. Era no meio. Aparelho sobre a mesa. Ordens terminantes de ninguém se aproximar—e ninguém se aproximava. O silêncio era interrompido aqui e além

por um mais apaixonado: — *O' Avelino bota outra vez a dos bonecos!* Porém, esta pequena e simpática interrupção, não era a desordem. Era simplesmente um desejo de ver figuras animadas.

Pronto. Acabou-se aqui a história de pasmal.

Outra história. Era d'uma vez eu em Coimbra, que tomei conhecimento d'uma quadrilha de menores, formada por rapazes da rua, todos meus conhecidos. A pequenina organização era perfeita no seu género. Eu vi o monte de coisas roubadas, que os receptadores custodiavam, à espera de instruções do principal mandante. A Polícia interveio e estragou tudo, quando, na verdade, podia-se tirar d'aquela grupo de actuantes, uma lição do valor da iniciativa particular, e orientar para o Bem. Esta sessão de recreio de que aqui se fala, é um documento vivo.

Crónica da Nossa Aldeia

por Alfredo Martins

1 Foi chamado a tribunal um rapaz que está a hospede mas, que foi incumbido de trabalhar mas como ele não gosta de trabalhar ao primeiro dia ainda trabalhou mas ao segundo já se sabe foi para a cozinha lér e foi por isso que foi chamado a tribunal.

O Pai Américo perguntou por ele; e ele logo se apresentou; o Pai Américo concluiu; qual queres trabalhar ou ires embora; ir embora foi a resposta do sentenciado. Pois então vais embora, mas como não tens dinheiro para a viagem ganhas cinco escudos por dia mas has-de trabalhar como um homem e quando tiveres dinheiro suficiente para a viagem vais embora.

2 Acabou a colheita das nossas batatas que foram os do campo e os do Sr. Joaquim que as andaram a colher.

No fim da colheita os rapazes cozeram batatas com bacalhau e a comeram uma bela merenda, mas só foi para eles.

3 Já andam alguns rapazes com o olhos os pés e as mãos inchadas por causa das abelhas; verdadeiramente dito não é por causa das abelhas é por causa do mel. O Sr. Arlindo anda a tirar o mel e os rapazes chegam-se para as colmeias e depois olhos e o que calha inchado.

4 Os rapazes do Senhor Joaquim andam atarefados com uma parte que era para ser avenida mas resolveu-se outra coisa e agora toca a deitar abaixo para não parecer mal.

Os rapazes lá andam com toda a força e até andam a correr e enquanto os outros com alviões fazem o mesmo.

Notícias da Casa do Gaiato de Miranda

por José Pinho de Carvalho

1 Acabamos de apanhar as nossas batatas. Foi este um dos anos em que tivemos mais, graças a Deus. Milho também não temos muito pouco, enfim toda a nossa quinta este ano tem produzido muito bem. Deus queira que assim fosse sempre.

2 As nossas obras vão indo cada vez para mais perto do fim. A parte exterior da nossa casa está quase pronta. Fica tudo muito lindo e muito bem feito mas leva muito trabalho e muito dinheiro. Só em jornas por semana para os trabalhadores vai para cima de três contos. Graças aos benfeitores que para esta casa têm mandado as suas esmolos.

3 Apesar das dificuldades que nós temos tido por falta de subscritores, a nossa conferência tem continuado até à data em que estamos. Temos levado aos nossos pobres pão e batatas, alguma roupa aos mais necessitados nos

dias de festa. Alguns pacotes de açúcar aos que estão doentes quando eles no-lo pedem e quase sempre pomada para o velhinho das Miãs e para a velhinha do Corvo que têm feridas. Deus queira que apareçam muitos subscritores para que haja muito que dar aos pobres.

4 Foram como de costume vender o famoso à Figueirada Foz, foi o Carlos, o Gil e o Leiria. Venderam todos muito bem. Ao todo venderam lá 274 já foi alguma coisa da Figueira e até de Coimbra vieram na companhia dum sujeito de Coimbra que a chegar à cidade lhes pagou uma laranjada e lhes alugou um automovel até ao lar dos miúdos.

5 No primeiro domingo deste mês jogamos com os rapazes das colónias que estavam na S.ª da Piedade e ganhamos. Já cá veio um senhor que nos deixou vinte escudos para ajudar a comprar a equipa.